



HARPER LEE

Vá,

Go Set a Watchman

coloque

Da autora de *O sol é para todos*

um vigia

José Olympio



HARPER LEE

**Vá,**

Go Set a Watchman

**coloque**

*Da autora de O sol é para todos*

**um vigia**

Tradução de  
BEATRIZ HORTA

1ª edição

**JOSÉ OLYMPIO**  

---

**E D I T O R A**

Rio de Janeiro, 2015

*Em memória do senhor Lee e Alice*

Copyright © Harper Lee, 2015

*Título do original em inglês:*

Go Set a Watchman

*Revisão de tradução:*

Marina Vargas

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

L517v

Lee, Harper, 1926-

Vá, coloque um vigia [recurso eletrônico] / Harper Lee ;  
tradução Beatriz Horta. - 1. ed. - Rio de Janeiro : José Olympio,  
2015.

recurso digital

Tradução de: Go set a watchman

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 9788503012324 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Horta, Beatriz.

II. Título.

15-26242

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Este livro foi revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Reservam-se os direitos desta edição à

EDITORA JOSÉ OLYMPIO LTDA

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ 20921-380 – Tel.: 2585-2000

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

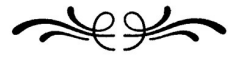
[mdireto@record.com.br](mailto:mdireto@record.com.br) ou (21) 2585-2002

Produzido no Brasil

2015



## PRIMEIRA PARTE





Desde a estação de Atlanta, ela vinha olhando pela janela do vagão-restaurante com um prazer quase físico. Enquanto tomava o café da manhã, viu ficarem para trás as últimas colinas da Geórgia e surgir a terra vermelha, e com ela, as casas de telhado de zinco no meio de quintais limpos onde cresciam as moitas de verbena de sempre, cercadas de pneus caiados. Sorriu ao ver a primeira antena de tevê no telhado de uma casa, sem pintura, de negros e foi se alegrando mais à medida que as casas iam se multiplicando.

Jean Louise Finch sempre fazia essa viagem de avião, mas resolveu ir de trem de Nova York até o Entroncamento de Maycomb em sua quinta visita anual à casa do pai. Em primeiro lugar, porque na viagem de avião anterior ela quase morreu de susto quando o piloto resolveu passar no meio de um tornado. Em segundo lugar, porque se fosse de avião, o pai teria de acordar às três da manhã, dirigir por mais de cento e sessenta quilômetros para buscá-la em Mobile e depois ainda trabalhar o dia inteiro: não era justo, ele agora já estava com setenta e dois anos.

Estava feliz por ter decidido ir de trem. Os trens não eram mais os mesmos de quando era criança e a nova experiência era divertida: ao

apertar um botão na parede da cabine, aparecia na porta um gordo cabineiro; um comando fazia surgir uma pia de aço inoxidável na outra parede e até um apoio para os pés. Estava resolvida a não se deixar intimidar pelas diversas recomendações escritas nas paredes da cabine (uma “cabine privativa”, como a chamavam), mas quando foi dormir na noite anterior, ficou imprensada contra a parede porque não obedeceu ao aviso que dizia PUXE ESTA ALAVANCA PARA BAIXO ATÉ OS SUPORTES, apuro do qual a tirou o cabineiro, deixando-a constrangida, pois tinha o hábito de dormir apenas com a parte de cima do pijama.

Por sorte, o cabineiro estava fazendo a ronda pelo corredor quando ela ficou presa naquela armadilha:

— Já vou tirá-la daí, senhorita — avisou em resposta aos socos que ela dava na parede da cabine.

— Não, por favor, apenas me diga como sair daqui.

— Posso ficar de costas para a senhorita enquanto resolvo o problema — respondeu ele, e assim fez.

Quando acordou naquela manhã, o trem sacolejava e bufava pelos campos de Atlanta, mas, obedecendo a outro aviso na cabine, ela continuou na cama até passarem por College Park. Vestiu-se com as roupas que costumava usar em Maycomb: calça comprida cinza, blusa preta sem mangas, meias brancas e mocassins. Embora ainda faltassem quatro horas para chegar, já podia ver a tia torcendo o nariz em desaprovação.

Quando começava a tomar a quarta xícara de café, a locomotiva da Crescent Limited grasnou feito um ganso gigante para outro trem da linha que ia para o Norte, cruzou com estrondo a ponte sobre o rio Chattahoochee e entrou no Alabama.

O Chattahoochee era largo, plano e lamacento. Estava baixo naquele dia; um banco de areia amarela tinha reduzido o seu curso a um fio d'água. “Talvez ele cante no inverno”<sup>1</sup>, pensou. “Não me lembro de um verso sequer desse poema. Era: ‘Tocando a flauta pelos vales selvagens?’<sup>2</sup> Não. Era dedicado a uma ave aquática ou a uma queda-d'água?”

Teve que reprimir com firmeza um princípio de alvoroço quando se deu conta de que o poeta Sidney Lanier devia ter sido parecido com seu primo, havia muito falecido, Joshua Singleton St. Clair, que tinha uma área de atuação literária que ia da região do Black Belt<sup>3</sup> a Bayou La Batre. A tia de Jean Louise com frequência descrevia o primo Joshua como um exemplo a seguir: um homem maravilhoso, poeta ceifado no auge da vida; Jean Louise devia se lembrar sempre de que ele era um orgulho para a família. Seus retratos eram elogiosos à família: o primo Joshua parecia um Algernon Swinburne rabugento.

Jean Louise sorriu ao se lembrar do pai contando a ela o restante da história. O primo Joshua tinha morrido cedo, era verdade, mas não pelas mãos de Deus, e sim pelas hostes de César.

Quando estava na universidade, o primo Joshua estudava muito e pensava em excesso: na verdade, achava que tinha saído diretamente do século XIX. Usava uma pelerine e botas de cano alto feitas sob medida, conforme modelo desenhado por ele. Foi detido pelas autoridades quando tentou matar a tiros o reitor da Universidade, que ele considerava pouco mais que um mero especialista em esgoto. O que sem dúvida era verdade, mas não justificava atacá-lo com uma arma letal. Depois de muito dinheiro ter sido distribuído, o primo Joshua foi tirado de circulação e viveu até o fim em instituições públicas para desequilibrados. Diziam que era uma pessoa razoável em todos os sentidos até alguém mencionar o reitor; então ele contorcia o rosto, adotava a postura de um grou, e assim

permanecia por mais de oito horas, sem que nada nem ninguém conseguisse fazê-lo baixar a perna até que esquecesse o reitor. Quando estava bem, lia grego e deixou um pequeno volume de poesia que mandou imprimir em uma gráfica em Tuscaloosa. Os poemas eram tão à frente de seu tempo que ninguém ainda tinha conseguido decifrá-los, mas a tia de Jean Louise deixava o livrinho exposto, como quem não quer nada, em um lugar bem visível, em uma mesa na sala de estar.

Jean Louise riu alto e deu uma olhada em volta para ver se alguém tinha ouvido. O pai dela sabia como sabotar os discursos da irmã sobre a superioridade inata dos Finch: sempre contava à filha o restante da história, com um ar calmo e solene, embora Jean Louise por vezes pensasse distinguir nos olhos dele um brilho claramente irreverente. Ou seria apenas a luz batendo nas lentes dos óculos? Ela nunca soube.

A paisagem campestre e o trem tinham se reduzido a um suave balançar e, da janela até o horizonte, ela via apenas pastos verdes e vacas pretas. Perguntou-se por que nunca tinha considerado sua terra tão bonita.

A estação de Montgomery ficava em uma curva do rio Alabama, e quando ela saltou do trem para esticar as pernas e foi assaltada por sua monotonia, suas luzes e seus curiosos aromas, sentiu a familiaridade do reencontro. “Falta alguma coisa”, pensou. Era o guarda-freios. Um homem que percorria os vagões por baixo do trem com um pé de cabra; ouvia-se um barulho metálico e depois *s-sss-sss*, subia uma fumaça branca e a sensação era de estar no interior de uma panela fervendo. “Hoje, essas coisas são lubrificadas.”

Sem nenhum motivo aparente, foi tomada por um antigo temor. A última vez que estivera naquela estação tinha sido vinte anos antes, mas quando ainda era uma menina e ia para a capital com Atticus, morria de

medo de que aquele trem chacoalhante caísse no rio e todos se afogassem. Mas quando voltou a embarcar, a caminho de casa, não pensou mais nisso.

O trem seguia estalando em meio a pinheirais e apitou com desprezo ao passar por uma maria-fumaça com sua chaminé, pintada de cores vibrantes, uma peça de museu parada em um desvio da estrada. Levava o letreiro de uma empresa madeireira, e a locomotiva da Crescent Limited podia engoli-la inteira com folga. Greenville, Evergreen, Entroncamento de Maycomb.

Tinha avisado ao maquinista para não esquecer de parar o trem para ela descer, mas, como era um velho, adivinhou o que ia acontecer: ele passaria pelo Entroncamento de Maycomb correndo feito louco e só ia parar o trem quatrocentos metros depois da pequena estação. Então, acenaria, se despedindo, e pediria desculpas, dizendo que quase tinha se esquecido dela. Os trens mudavam, mas os maquinistas permaneciam sempre os mesmos. Pregar peças em mocinhas que desembarcavam em estações de parada não obrigatória era uma marca registrada, e Atticus, que podia prever o que fariam todos os maquinistas de Nova Orleans a Cincinnati, estaria à espera dela conforme o combinado, não mais do que seis passos distante de onde ela tinha que desembarcar.

Sua casa era no condado Maycomb, distrito eleitoral de uns cento e doze quilômetros de comprimento por quase cinquenta em seu ponto mais largo, um lugar ermo, pontilhado de pequenos povoados, o maior dos quais era Maycomb, sede do governo do condado. Até uma época relativamente recente em sua história, o condado era tão isolado do restante do país que alguns dos seus habitantes, ignorando as preferências políticas dos sulistas nos últimos noventa anos, continuavam votando no Partido Republicano. Nenhum trem chegava até lá; o Entroncamento de Maycomb, um nome de cortesia, na verdade, ficava no condado Abbott, a trinta quilômetros de

distância. O transporte rodoviário era irregular e não parecia levar a lugar nenhum, mas o governo federal tinha imposto a construção de uma ou duas estradas cortando os pântanos, dando assim aos moradores uma oportunidade de entrar e sair conforme desejassem. Mas pouca gente as usava, com razão. Para quem não queria muito, ali havia o suficiente.

O nome do condado e da cidade eram em homenagem ao coronel Mason Maycomb, um sujeito cuja equivocada autoconfiança e arrogante obstinação confundiam e intrigavam os que lutaram ao lado dele nas guerras contra os índios creek. A região onde ele atuava era levemente montanhosa ao norte e plana ao sul, nos limites da planície costeira. O coronel Maycomb, certo de que os índios não gostavam de lutar na planície, foi caçá-los nas regiões ao norte. Quando seu general descobriu que Maycomb vagava pelas colinas ao norte enquanto os creeks espreitavam em todas as moitas ao sul, mandou um índio amigo levar-lhe o recado: *Vá para o sul, maldição*. Ao receber a mensagem, o coronel Maycomb teve certeza de que se tratava de um golpe dos creek para enganá-lo (não eram liderados por um demônio ruivo de olhos azuis?). Ele então mandou prender o emissário índio aliado e continuou a avançar para o norte, até suas tropas ficarem totalmente perdidas na densa floresta, onde ficaram durante toda a guerra, consideravelmente confusos.

Anos depois, quando finalmente concluiu que a mensagem podia ser verdadeira no fim das contas, o coronel Maycomb começou a marchar para o sul e, no caminho, suas tropas encontraram colonos indo para o interior, que os avisaram de que as guerras indígenas tinham praticamente acabado. As tropas e os colonos se entrosaram de tal maneira que com o tempo se tornaram os antepassados de Jean Louise Finch, e o coronel Maycomb continuou avançando até onde hoje fica Mobile para se assegurar de que receberia o devido crédito por suas façanhas. A versão da

história oficial não coincide com a verdade, mas esses foram os fatos como passaram de boca em boca através dos anos e como era do conhecimento de todos os moradores de Maycomb.

— ... suas malas, moça — avisou o cabineiro. Jean Louise seguiu-o do vagão-restaurant até sua cabine. Pegou dois dólares na carteira: um de praxe e outro por soltá-la quando ficou presa na cabine na noite anterior. O trem, é claro, passou batido pela estação e parou quatrocentos metros depois. O maquinista apareceu, sorrindo, e se desculpou, dizendo que quase tinha se esquecido dela. Jean Louise retribuiu o sorriso e esperou com impaciência que o cabineiro colocasse a escada amarela para ela descer do vagão. Ele deu a mão para ela descer e recebeu as duas notas.

O pai não estava esperando por ela.

Ela acompanhou os trilhos com o olhar até a estação e viu um homem alto na pequena plataforma. Ele desceu de um pulo e foi correndo ao encontro dela.

Agarrou-a em um abraço de urso, afastou-a, beijou-a na boca com força, em seguida a beijou com delicadeza.

— Aqui, não, Hank — murmurou ela, muito contente.

— Calma, moça — ele disse, segurando o rosto dela. — Se eu quiser, beijo você até na escada do tribunal.

O homem que tinha o direito de beijá-la na escada do tribunal era Henry Clinton, amigo da vida inteira, companheiro do irmão dela e, se continuasse a beijá-la daquele jeito, futuro marido. “Ame a quem quiser, mas se case com alguém da sua espécie” era um ditado que para ela equivalia a um instinto. Henry Clinton era da mesma espécie de Jean Louise, e por isso agora ela não considerava o ditado particularmente rígido.

Foram andando de braços dados pelos trilhos para pegar a mala dela.

— Como está o Atticus? — ela perguntou.

— Hoje está com câimbras nas mãos e nos ombros.

— Quando fica assim, ele não consegue dirigir, não é?

Henry fechou os dedos da mão direita até a metade e disse:

— Não consegue fechar a mão mais que isso. A srta. Alexandra tem que amarrar os sapatos e abotoar a camisa dele quando fica assim. Ele não consegue nem segurar a lâmina de barbear.

Jean Louise balançou a cabeça; estava crescida demais para se revoltar com a injustiça de tudo aquilo, mas ainda era jovem demais para aceitar sem protestar a doença que estava deixando o pai inválido.

— Os médicos não podem fazer nada?

— Você sabe que não — disse Henry. — Ele toma quatro gramas de aspirina por dia e só.

Henry pegou a pesada mala e eles foram caminhando até o carro. Ela se perguntou como ia se comportar quando chegasse a hora em que ela sentisse dor dia após dia. Dificilmente seria como Atticus: se alguém perguntasse como ele estava, ele respondia, mas jamais se queixava; mantinha o mesmo humor de sempre, de modo que, para saber como ele estava, era preciso perguntar.

Henry só soube por acaso. Um dia, quando estavam no arquivo do tribunal, procurando a escritura de uma propriedade, Atticus de repente ficou branco feito uma folha de papel e largou o livro de hipotecas que tinha nas mãos.

— O que foi? — perguntou Henry.

— Artrite reumatoide. Pode pegar o livro para mim? — pediu Atticus.

Henry perguntou desde quando sofria da doença, Atticus respondeu que faziam seis meses. Jean Louise sabia? Não. Então, era melhor contar a ela.

— Se você contar, ela vai vir para cá cuidar de mim. O melhor remédio para essa doença é não se deixar vencer por ela.

E assim se encerrou o assunto.

— Quer dirigir? — perguntou Henry.

— Não seja bobo — respondeu ela.

Embora ela fosse boa motorista, detestava manejar qualquer coisa mais complicada do que um alfinete de segurança; dobrar cadeiras era para ela uma fonte de profunda irritação; jamais aprendeu a andar de bicicleta, nem a escrever a máquina, e pescava com um caniço. Seu esporte preferido era o golfe, porque seus princípios básicos eram um taco, uma bolinha e um determinado estado de espírito.

Verde de inveja, observou a maestria com que Henry manejava o automóvel, sem o menor esforço. “Os carros o obedecem”, pensou.

— Direção hidráulica? Câmbio automático? — ela perguntou.

— Exatamente — ele respondeu.

— Tudo bem, mas e se tudo travar e você não tiver como passar a marcha? Estaria encrencado, não?

— Nada vai travar.

— Como sabe?

— Basta acreditar. Vem cá.

Acreditar na General Motors. Pousou a cabeça no ombro dele.

— Hank, o que aconteceu de verdade? — ela perguntou.

Era uma velha brincadeira dos dois. Sob o olho direito de Hank começava uma cicatriz rosada que ia até o canto do nariz e seguia em diagonal cruzando o lábio superior. Tinha também seis dentes postiços que nem Jean Louise conseguia fazer com que ele tirasse para mostrar. Tinha voltado da guerra assim. Um alemão, mais para expressar seu descontentamento com o fim da guerra do que por qualquer outra coisa,

dera-lhe uma coronhada com um fuzil. Jean Louise tinha decidido acreditar na história, se bem que, com todas aquelas armas que disparavam além do horizonte, os aviões B-17, as bombas aéreas e artefatos bélicos similares, é provável que Henry não tenha chegado muito perto dos alemães.

— Está bem, querida, vou contar. Estávamos em um porão em Berlim, todo mundo tinha bebido muito e começou uma briga... Você prefere ouvir alguma coisa mais plausível, não é? Agora aceita se casar comigo?

— Ainda não.

— Por que não?

— Quero fazer como o dr. Schweitzer e aproveitar a vida até os trinta.

— Ele aproveitou mesmo — disse Henry, sério.

Jean Louise se ajeitou sob o braço dele.

— Você sabe o que quero dizer — ela disse.

— Sei.

Os habitantes de Maycomb diziam que não havia rapaz melhor do que Henry Clinton; Jean Louise concordava. Henry era do extremo sul do condado. O pai tinha abandonado a mãe dele logo depois que ele nasceu, e então ela passou a trabalhar dia e noite em sua lojinha de esquina para que Henry pudesse frequentar as escolas públicas de Maycomb. A partir dos doze anos, ele passou a viver em uma pensão em frente à casa dos Finch, o que já o colocava em uma posição superior: era dono de si, não tinha de obedecer a cozinheiras, jardineiros, pai nem mãe. Também era quatro anos mais velho do que ela, o que na época fazia diferença. Ele a provocava; ela o adorava. Quando Henry tinha catorze anos, a mãe morreu, deixando-o quase nada. Atticus Finch cuidou do pouco obtido com a venda da loja (as despesas do enterro consumiram quase tudo) e, em segredo, ajudou com dinheiro do próprio bolso. Arrumou um emprego para ele depois da escola

na mercearia Jitney Jungle; Henry terminou a escola e se alistou no exército, e depois da guerra foi para a faculdade estudar Direito.

Mais ou menos nessa época, um belo dia, o irmão de Jean Louise morreu de repente e, depois que esse pesadelo acabou, Atticus, que sempre pensara em deixar o escritório para o filho, passou a procurar um jovem substituto. Era natural que esse jovem fosse Henry, e, no devido tempo, ele se tornou seu braço direito, seus olhos, suas mãos. Henry sempre respeitara Atticus Finch, sentimento que em pouco tempo se transformou em afeto e Henry passou a considerá-lo um pai.

Mas não considerava Jean Louise uma irmã. Nos anos em que esteve longe, primeiro na guerra e depois na faculdade, ela tinha deixado de ser a menina briguenta e irascível que vivia de macacão para se tornar uma réplica razoável de ser humano. Henry e ela começaram a namorar durante as duas semanas de férias que ela passava em casa todos os anos e, embora ela ainda se comportasse como um garoto de treze anos e detestasse adornos femininos, ele via algo tão intensamente feminino nela que se apaixonou. Era uma pessoa agradável de olhar e de conviver na maior parte do tempo, embora não fosse, em nenhum sentido, uma pessoa fácil. Tinha um espírito inquieto que ele não conseguia compreender, mas sabia que era a garota certa para ele. Ia protegê-la, ia se casar com ela.

— Cansada de Nova York? — ele perguntou.

— Não.

— Se me der carta branca nessas duas semanas, faço você se cansar de lá.

— Está me fazendo uma proposta indecorosa?

— Sim.

— Vá para o inferno, então.

Henry parou o carro. Desligou o motor, virou-se para olhar para ela. Ela sempre sabia quando ele ficava sério: o cabelo cortado muito rente se eriçava como uma escova, o rosto ruborizava, a cicatriz se avermelhava.

— Querida, quer que eu fale como um cavalheiro? Srta. Jean Louise, atingi um status financeiro que me permite sustentar duas pessoas. Eu, como o velho Israel do Antigo Testamento, trabalhei durante sete anos nos vinhedos da universidade e nos pastos do escritório do seu pai por você...

— Vou dizer a Atticus para obrigá-lo a ficar mais sete anos.

— Que horrível.

— Além do mais, não foi Israel, foi Jacó. Não, os dois eram a mesma pessoa. Mudavam de nome a cada três versículos. Como vai a minha tia?

— Você sabe muito bem que ela está ótima há trinta anos. Não mude de assunto.

Jean Louise franziu o cenho.

— Henry — ela disse, séria —, vou ter um caso com você, mas não me casar.

Acertou em cheio.

— Não seja tão infantil, Jean Louise! — Henry disparou e, esquecendo as recentes inovações da General Motors, pôs a mão na marcha e pisou na embreagem com força. Como não houve resposta, girou violentamente a chave na ignição, apertou alguns botões e o carro deslizou suave e tranquilamente pela estrada.

— Demora a acelerar, não? Não serve para andar na cidade — ela concluiu.

Henry olhou para ela furiosamente e perguntou:

— O que quer dizer com isso?

Mais um minuto e aquela conversa ia virar uma discussão. Henry estava sério. Era melhor irritá-lo, assim ele ficava quieto e ela podia

pensar no assunto.

— Onde você arrumou essa gravata horrorosa? — ela perguntou.

Pronto.

Ela estava quase apaixonada por ele. “Não, é impossível”, pensou. “Ou está apaixonada, ou não está; o amor é a única coisa do mundo que é inequívoca. Existem muitos tipos de amor, é claro, mas todos eles ou se sente ou não se sente.”

Ela era uma pessoa que, diante de uma saída fácil, sempre escolhia o caminho mais difícil. A saída mais fácil naquele caso seria se casar com Henry e ser sustentada por ele. Alguns anos depois, quando os filhos estivessem grandinhos, apareceria o homem com quem ela devia ter se casado desde o início. Haveria exame de consciência de ambas as partes, lamúrias e preocupações, longos olhares trocados na escadaria dos Correios e sofrimento para todos. E quando deixassem para trás os gritos e os princípios morais elevados, restaria apenas mais uma aventura sem graça, no estilo do clube de campo de Birmingham, e um inferno privado criado por eles mesmos, equipado com os mais avançados eletrodomésticos Westinghouse. Hank não merecia isso.

Não. Por enquanto, ia tomar o árduo caminho da solteirice. Resolveu restabelecer a paz com honra:

— Querido, desculpe, desculpe mesmo — ela pediu, sincera.

— Tudo bem — disse Henry, e deu um tapinha no joelho dela. — É que às vezes tenho vontade de matar você.

— Eu sei que sou horrível.

Henry olhou para ela.

— Você é diferente, querida. Não sabe dissimular.

Ela o encarou.

— Como assim?

— Bom, em geral, a maioria das mulheres, antes de casar, é sorridente e agradável diante do noivo. Escondem o que pensam. Você, ao contrário, quando detesta alguma coisa, fica detestável, querida.

— Não é melhor o homem saber com quem está se metendo?

— É, mas não vê que desse jeito nunca vai agarrar um homem?

Ela mordeu a língua diante do óbvio e perguntou:

— Como posso me tornar uma mulher sedutora?

Henry se animou com a conversa. Aos trinta anos, ele gostava de dar conselhos, talvez por ser advogado.

— Em primeiro lugar, controle a língua — ele disse calmamente. — Não discuta com um homem, principalmente quando sabe que pode ganhar a discussão. Sorria bastante. Faça com que ele se sinta importante. Diga que ele é maravilhoso e faça tudo para ele.

Ela abriu um sorriso radiante e disse:

— Hank, concordo com tudo o que disse. Há anos não conheço um homem tão perspicaz, você é o máximo, posso acender seu cigarro? Que tal?

— Horrível.

Voltaram a ser amigos.

---

Notas:

1. Alusão ao poema “The song of the Chattahoochee”, do poeta americano Sidney Lanier (1842-1881). (N. do E.)
2. Alusão à obra de William Blake *Canções da inocência e canções da experiência*. (N. do E.)
3. O Cinturão Negro (Black Belt) é uma região agrícola de passado escravagista no sudeste dos Estados Unidos, que compreende os estados

de Alabama, Arkansas, Flórida, Geórgia, Kentucky, Louisiana, Maryland, Mississippi, Alabama, Carolina do Sul, Carolina do Norte, Tennessee, Texas e Virgínia. Grande parte de sua população é de afro-americanos. (N. do E.)



Com cuidado, Atticus Finch levantou o punho da manga esquerda e voltou a baixá-lo. Uma e quarenta. Às vezes, como naquele dia, usava dois relógios: um antigo, de bolso, cuja corrente os filhos mordiam quando os dentes estavam nascendo, e um de pulso. O primeiro, usava por hábito; o outro, para saber as horas quando a rigidez dos dedos o impedia de pegar o relógio no bolso. Tinha sido um homem alto até que a idade e a artrite o reduziram à altura mediana. Completara setenta e dois anos no mês anterior, mas Jean Louise sempre pensava nele como alguém na casa dos cinquenta: não conseguia se lembrar dele mais jovem, e ele parecia não envelhecer.

Em frente à cadeira onde ele estava sentado havia um suporte de metal para partituras no qual repousava *O estranho caso de Alger Hiss*. Atticus se inclinou um pouco para a frente, um sinal de que desaprovava o que estava lendo. Um estranho não notaria nenhuma irritação no semblante dele, pois raramente demonstrava esse sentimento, mas um amigo talvez esperasse um seco *hum*: as sobrancelhas de Atticus estavam levantadas e a boca era uma linha fina e suave.

— *Hum* — resmungou.

— O que foi, querido? — perguntou a irmã.

— Não entendo como um homem como esse tem a petulância de opinar sobre o caso Hiss. É como se Fenimore Cooper resolvesse escrever os Romances Waverley.<sup>1</sup>

— Por que, querido?

— Ele tem uma confiança pueril na integridade dos funcionários públicos e parece achar que o Congresso é conivente com essa aristocracia. Não entende nada de política americana.

A irmã de Atticus deu uma olhada na capa empoeirada do livro.

— Não conheço o autor — disse, e assim condenou o livro para sempre. — Mas não se preocupe, querido. Eles já não deviam ter chegado?

— Não estou preocupado, Zandra. — Atticus olhou para a irmã, bem-humorado. Ela era uma mulher difícil, mas era melhor do que ter Jean Louise sempre em casa se sentindo triste. Quando a filha ficava triste, andava sem parar de um lado para o outro, e Atticus gostava que as mulheres de sua casa ficassem tranquilas, e não limpando cinzeiros sem parar.

Ouviu um carro entrar na garagem e duas portas baterem, e em seguida ouviu a porta da frente bater. Afastou o suporte de partitura cuidadosamente com os pés e tentou em vão se levantar da poltrona sem se apoiar em alguma coisa; conseguiu na segunda tentativa e tinha acabado de recuperar o equilíbrio quando Jean Louise se atirou em cima dele. Aguentou o abraço e retribuiu como pôde.

— Atticus... — disse ela.

— Por favor, Hank, leve a mala dela para o quarto — pediu Atticus por cima do ombro da filha. — Obrigado por buscá-la na estação.

Jean Louise tentou dar um beijinho na tia, mas não chegou a tocá-la com os lábios; pegou um maço de cigarros na bolsa e jogou-o no sofá.

— Como está o reumatismo, tia?

— Melhorou um pouco, querida.

— E você, Atticus?

— Melhorei um pouco, querida. Fez boa viagem?

— Fiz. — Ela desabou no sofá.

Hank voltou após cumprir sua tarefa, pediu que Jean Louise abrisse espaço e sentou-se ao lado dela.

Jean Louise bocejou e se espreguiçou.

— Quais são as novidades? — perguntou. — Nos últimos tempos, só sei o que leio nas entrelinhas da *Maycomb Tribune*. Vocês nunca me escrevem.

A tia Alexandra disse:

— Você deve ter ficado sabendo sobre a morte do filho do primo Edgar. Foi muito triste.

Jean Louise viu Henry e o pai dela se entreolharem. Atticus disse:

— Um dia, ele chegou em casa tarde, suado, depois de participar de um jogo de futebol, e atacou a geladeira. Depois, comeu uma dúzia de bananas, que empurrou goela abaixo com meio litro de uísque. Morreu uma hora depois. Não foi nem um pouco triste.

— Uau — disse Jean Louise.

Alexandra se zangou:

— Atticus! Você sabe que ele era o queridinho do Edgar.

Henry disse:

— *Foi* horrível, srta. Alexandra.

— O tio Edgar ainda faz a corte para você, tia? Acho que depois de onze anos ele já deveria tê-la pedido em casamento — brincou Jean Louise.

Atticus franziu o cenho, em alerta. Observou como o demônio dentro dela se agitava e a dominava: as sobrancelhas, como as dele, estavam erguidas; sob os cílios grossos, os olhos se arregalaram e um dos cantos da boca se curvou de forma ameaçadora. Quando ela ficava assim, só Deus e o poeta Robert Browning sabiam o que era capaz de dizer.

A tia protestou:

— Por favor, Jean Louise, Edgar é primo de primeiro grau, meu e do seu pai.

— A essa altura do campeonato, isso não deveria fazer tanta diferença, tia.

Rapidamente, Atticus perguntou:

— Como vão as coisas na cidade grande?

— No momento, quero saber desta cidade grande aqui. Vocês nunca escrevem me contando nada. Tia, preciso que me conte as notícias de um ano inteiro em quinze minutos. — Ela deu um tapinha no braço de Henry, mais para impedir que começasse a falar de trabalho com Atticus do que por qualquer outro motivo. Henry interpretou como um gesto de carinho e retribuiu.

— Bom... — disse Alexandra. — Você deve ter ouvido falar no que houve com os Merriweather. Foi muito triste.

— O que aconteceu?

— Não estão mais juntos.

— O quê? — estranhou Jean Louise, genuinamente surpresa. — Se separaram?

— É — confirmou a tia.

Jean Louise virou-se para o pai.

— Os Merriweather? Há quanto tempo eram casados?

Atticus olhou para o teto, lembrando. Era um homem minucioso.

— Quarenta e dois anos, eu fui ao casamento — ele informou.

Alexandra acrescentou:

— Notamos que havia alguma coisa errada quando eles começaram a se sentar em lados opostos na igreja...

Henry disse:

— Ficavam se olhando de cara feia domingo após domingo...

— Não demorou muito para eles irem até o escritório pedir que eu cuidasse dos papéis do divórcio — disse Atticus.

— Você cuidou? — Jean Louise olhou para o pai.

— Cuidei.

— Qual era o motivo?

— Adultério.

Jean Louise balançou a cabeça, surpresa. “Meu Deus”, pensou, “deve ter alguma coisa na água...”

A voz de Alexandra interrompeu suas elucubrações:

— Jean Louise, você veio de trem *assim*?

Jean Louise, que estava distraída, levou um momento para entender o que a tia quis dizer com “assim”.

— Ah, sim. Mas espera um pouco, tia, saí de Nova York de meias, luvas e saltos. Só vesti esta roupa depois que passamos de Atlanta.

A tia torceu o nariz.

— Espero que desta vez você tente se vestir melhor enquanto está aqui. Os moradores da cidade têm uma má impressão de você. Acham que é uma... hum... pobretona.

Jean Louise desanimou. A Guerra dos Cem Anos estava se aproximando de seu vigésimo sexto ano e não dava sinais de mais nada além de alguns períodos de inquietas tréguas.

— Tia, vim passar duas semanas em casa sem fazer nada, pura e simplesmente. Duvido que vá sair de casa. Já passo o ano inteiro espremendo meu cérebro...

Ela se levantou e foi até a lareira, olhou, furiosa, para a cornija e se virou.

— Se as pessoas de Maycomb não tiverem uma opinião a meu respeito, terão outra. De qualquer forma, não estão acostumadas a me ver arrumada. — Ela adotou um tom mais paciente: — Olha, se eu de repente aparecer toda arrumada, vão dizer que virei nova-iorquina. E agora você vem me dizer que eles acham que não ligo para a opinião deles quando uso calças compridas. Meu Deus, tia, Maycomb inteira sabe que, até ficar moça, eu só andava de macacão...

Atticus esqueceu a dor nas mãos. Inclinou-se para amarrar com esmero os cadarços do sapato e levantou o rosto corado, mas sério.

— Chega, Scout, peça desculpas à sua tia — mandou. — Não comece a brigar assim que entra em casa.

Jean Louise sorriu para o pai; quando queria repreendê-la, sempre usava seu apelido de infância. Ela suspirou.

— Sinto muito, tia. Sinto muito, Hank. Me sinto oprimida, Atticus.

— Então volte para Nova York e faça como bem entender.

Alexandra levantou-se e alisou as barbatanas do vestido, cujas protuberâncias a cobriam de cima a baixo.

— Comeu alguma coisa no trem?

— Sim — ela mentiu.

— Então que tal um café?

— Sim, obrigada.

— Hank?

— Aceito, obrigado.

Alexandra saiu da sala sem consultar o irmão.

— Ainda não aprendeu a beber café? — quis saber Jean Louise.

— Não — respondeu o pai.

— Nem uísque?

— Não.

— Cigarros e mulheres?

— Não.

— Tem se divertido ultimamente?

— Vou levando.

Jean Louise juntou as mãos como se segurasse um taco de golfe.

— Como vai? — perguntou.

— Não é da sua conta.

— Ainda sabe manejar o taco?

— Sim.

— Você jogava bem, para quem não enxerga nada.

Atticus reclamou:

— Não tem nada de errado com os meus...

— Só não enxerga.

— Se importaria de provar essa afirmação?

— Sim, senhor. Amanhã às três, pode ser?

— Certo... Não posso. Tenho uma reunião. Que tal segunda-feira?

Hank, temos algum compromisso na segunda à tarde?

Hank se remexeu no sofá.

— Nada, só a hipoteca à uma da tarde. Não deve levar mais de uma hora.

Atticus disse à filha:

— Então, sou todo seu. Pelo jeito, srta. Presunçosa, vai ser um cego cuidando de outro.

Jean Louise tinha pegado na lareira um velho e enegrecido taco de madeira que durante anos teve a dupla função de atiçador de fogo. Esvaziou uma grande escarradeira antiga cheia de bolas de golfe, deitou-a de lado e chutou as bolas no meio da sala. Estava colocando-as de volta na escarradeira quando a tia voltou com uma bandeja de café, xícaras, pratos e bolo.

— Você, seu pai e seu irmão acabaram com esse tapete. Hank, quando eu vim morar aqui para cuidar da casa, minha primeira providência foi tingir o tapete da cor mais escura possível. Lembra como ele era? Minha nossa, tinha uma trilha escura que ia daqui até a lareira e não saía com nada...

— Lembro, sim, senhora — disse Hank. — Temo ter contribuído para isso.

Jean Louise colocou o taco de volta no lugar, junto com os tenazes da lareira, recolheu as bolas de golfe e jogou-as na escarradeira. Sentou-se no sofá e observou Hank pegar as bolas que tinham escapado. “Nunca me canso de vê-lo se mover”, ela pensou.

Ele voltou para o sofá, tomou uma xícara de café escaldante com uma rapidez espantosa e disse:

— Sr. Finch, é melhor eu ir.

— Espere um instante e vou com você — pediu Atticus.

— Está se sentindo bem?

— Certamente. Jean Louise — perguntou de repente —, quanto do que acontece aqui sai nos jornais?

— Você se refere à política? Bom, toda vez que o governador comete uma indiscrição, sai nos tabloides. Fora isso, nada.

— Eu me refiro à tentativa da Corte Suprema de atingir a imortalidade.

— Ah, isso. Bem, segundo o *Post*, a impressão é de que temos um linchamento a cada café da manhã; o *Journal* não dá a mínima, e o *Times* está tão preocupado com seu compromisso com a posteridade que mata qualquer um de tédio. Não prestei nenhuma atenção a nada disso, a não ser pelos boicotes aos ônibus e por aquele assunto do Mississippi. Atticus, o fato de o Estado não ter conseguido uma solução favorável nesse caso foi o maior erro que cometemos desde a Carga de Pickett na Guerra Civil.

— Foi mesmo. Imagino que a imprensa tenha feito a festa, não?

— Ficaram loucos.

— E a Associação Nacional para o Progresso das Pessoas de Cor?

— Não sei nada sobre esse grupo, só que no ano passado um funcionário incauto me mandou selos de Natal da Associação, então coleios em todos os cartões para a família. O primo Edgar recebeu o dele?

— Recebeu e me deu algumas sugestões do que fazer com você. — Atticus abriu um grande sorriso.

— Como o quê?

— Ir até Nova York, agarrá-la pelos cabelos e dar-lhe uma surra. Edgar sempre desaprovou o seu comportamento, acha que é independente demais...

— Aquele velho bagre convencido nunca teve senso de humor. É um bagre mesmo, com “bigode” e boca grande. Imagino que ache que o fato de eu morar sozinha em Nova York significa que vivo em pecado.

— Algo assim — concordou Atticus, que se levantou da poltrona e fez sinal para Henry ir saindo.

Henry se virou para Jean Louise:

— Às sete e meia, querida?

Ela concordou com a cabeça e olhou para a tia de rabo de olho.

— Tudo bem se eu usar minhas calças compridas?

— Não, senhora — respondeu Hank.

— Muito bem, Hank — reprovou Alexandra.

---

Nota:

1. Série de romances escritos por Sir Walter Scott (1771-1832). (N. do E.)



Não havia dúvida: Alexandra Finch Hancock era imponente de qualquer ângulo: de costas era tão inflexível quanto de frente. Jean Louise sempre imaginava, sem jamais perguntar, onde ela arrumava aquelas cintas modeladoras que levantavam os peitos a uma altura incrível, estreitavam a cintura, realçavam os quadris e davam a impressão de que, um dia, a tia Alexandra tinha tido um corpo de violão.

De todos os parentes, a irmã do pai era a que mais conseguia tirar Jean Louise do sério. A tia Alexandra nunca tinha sido explicitamente cruel com ela — na verdade, nunca foi cruel com nenhum ser, exceto com os coelhos que comiam suas azaleias, que ela envenenava —, mas em certos momentos, em seu próprio ritmo e à sua própria maneira, tinha transformado a vida de Jean Louise em um inferno. Agora que Jean Louise era adulta, não conseguiam conversar por mais de quinze minutos sem adotar pontos de vista irreconciliáveis, o que era estimulante no caso das amizades, mas, em se tratando de relações familiares, produzia apenas uma cordialidade incômoda. Havia tantas coisas na tia que, no fundo, Jean Louise apreciava quando as duas estavam a meio continente de distância, mas que pessoalmente eram intoleráveis. No entanto, desapareciam

quando Jean Louise analisava seus motivos. Alexandra era uma dessas pessoas que passavam pela vida sem nenhum custo para si mesmas; se tivesse sido obrigada a pagar qualquer custo emocional durante sua vida terrena, Jean Louise podia imaginá-la indo à recepção celeste para exigir reembolso.

Alexandra era casada havia trinta e três anos e, se isso significava alguma coisa para ela, nunca demonstrava. Tivera um filho, Francis, que, na opinião de Jean Louise, parecia e se comportava como um equino e que, havia tempos, tinha deixado Maycomb para assumir a gloriosa função de corretor de seguros em Birmingham. Melhor assim.

Alexandra era e continuava sendo tecnicamente casada com um homenzarrão plácido chamado James Hancock, que administrava com muita competência um armazém de algodão durante seis dias por semana e pescava no sétimo. Em um domingo, quinze anos antes, mandou um recado para a mulher por meio de um negrinho de seu acampamento de pesca no rio Tensas avisando que ia ficar por lá e não tinha intenção de voltar. Depois de se certificar de que não havia nenhuma mulher na história, não deu a mínima. Francis decidiu transformar aquilo em uma cruz que carregaria na vida e nunca entendeu por que o tio Atticus manteve ótimas relações, ainda que distantes, com o cunhado (achava que Atticus devia ter tomado alguma atitude), e tampouco compreendia por que a mãe não tinha ficado arrasada com o comportamento excêntrico, e portanto imperdoável, do pai. Tio Jimmy, ao ficar sabendo da atitude de Francis, mandou outro recado do mato: estava disposto a encontrar o filho, caso este quisesse dar-lhe um tiro, mas Francis nunca fez nada. Finalmente recebeu um terceiro recado do pai: “Se não vem me enfrentar como um homem, fique de bico calado.”

A deserção do tio Jimmy não causou a mínima perturbação no horizonte tranquilo de Alexandra: seus lanches para a Sociedade Missionária continuaram sendo os melhores da cidade; suas atividades nas três associações culturais de Maycomb se intensificaram; e aumentava sua coleção de objetos de opalina quando Atticus conseguia tirar algum dinheiro de tio Jimmy. Em resumo: ela desprezava os homens e vivia muito bem sem eles. Que o filho tenha desenvolvido todas as características latentes de uma pessoa tão insólita quanto uma nota de três dólares tinha escapado à sua atenção — só sabia que gostava do fato de ele morar em Birmingham, pois era opressivamente devotado a ela, que se sentia na obrigação de tentar retribuir, o que fazia sem nenhuma espontaneidade.

Para todos os que participavam da vida do condado, no entanto, Alexandra era a última de sua espécie: suas boas maneiras eram do tempo dos barcos fluviais e dos colégios internos; era sempre a primeira a defender os princípios morais; era repressora, além de fofqueira incurável.

Quando Alexandra frequentou a escola de etiqueta e boas maneiras, o conceito de autocritica não constava em nenhum dos livros, então ela não conhecia seu significado; jamais se entediava e, se tivesse a menor oportunidade, exercia sua prerrogativa real: resolvia, aconselhava, advertia e prevenia.

Ignorava completamente que, com um movimento da língua, podia mergulhar Jean Louise em um conflito moral e fazer a sobrinha duvidar dos próprios motivos e das boas intenções, fazendo tremer as cordas protestantes e filisteias da consciência de Jean Louise até que vibrassem como uma cítara fantasmagórica. Se Alexandra tivesse tocado os pontos fracos de Jean Louise intencionalmente, poderia ter pendurado mais um

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Vá, coloque um vigia"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).